



Como construir um guarda- -roupa inteligente!

das criadoras
da Oficina de Estilo

CRIS ZANETTI E FÊ RESENDE

*Para o Zaguinha, que me ensinou que existe um tempo
pra fazer e um tempo pra se desfazer — e que os dois
são igualmente estimulantes!*

Cris

*Para meu tio Elcio, grande entusiasta dos escritos da
Oficina de Estilo. <3*

Fê

SUMÁRIO

Introdução: Por que este e-book existe

Apresentação: Como este conteúdo tá organizado

Primeira parte: Grandes questões atrapalhadoras

Segunda parte: Evolução de estilo e os porquês

Terceira parte: Organização de guarda-roupa

Conclusão

Agradecimentos

INTRODUÇÃO

Por que este e-book existe

#épossívelgostardoqueagentejátem

Muito legal, muito bacana e engraçadinha toda a nossa conversa-de-sempre sobre estilo pessoal... mas né, o que permite exercitar (ou não) esse estilo é o guarda-roupa. Um espaço que deveria ser fonte de alegria e de satisfação, mas que acaba gerando ansiedade: nele a gente coleciona histórias de vida, mas também lembranças de pressa, aflição, contas malfeitas e arrependimentos.

Perder tempo se sentindo oprimida e desamparada em frente ao espelho, entrar em pânico ao receber convites, deixar de colocar energia na vida pra desperdiçar energia pensando no que vestir pra viver a vida – nada disso é legal ou saudável.

Ai, meninas, eu sofro! Meu armário é o rascunho do mapa do inferno.

J.M., AGOSTO DE 2008

Numa consultoria de estilo com a Oficina, nossas clientes cuidam dos próprios armários de mãos dadas com a gente,

numa etapa chamada “revitalização de guarda-roupa”: nem sempre é super-gostoso desapegar, rever tudo, repensar escolhas e abrir mão de muito pra ter o suficiente. Mas elas confiam, seguem trabalhando em equipe com a gente e, olha, o resultado sempre vem. \o/

Este livro foi pensado pra te trazer pra perto dessa etapa do nosso trabalho, do jeitinho como ele acontece na vida real. A gente quer, com este conteúdo, te ajudar a construir um guardaroupa que funcione a seu serviço de verdade.

Em forma de práticas para o dia a dia, nas próximas páginas a gente vai propor racionalizar escolhas e exercitar resistência a impulsos. E já nesse começo a gente acha importante ajustar expectativas: dá trabalho, é um processo mesmo, demanda atenção. Não tem expediente mágico, mas compensa demais!

Pode acreditar na gente: é possível preparar o guarda-roupa pra ser feliz com ele todo dia de manhã, e não (só) sentir felicidade quando tem alguma coisa nova (vinda de lojas) lá dentro. Isso é substituir consumo por autoestima!

APRESENTAÇÃO

Como este conteúdo tá organizado

Este é um livro pensado antes pra ser eletrônico (a gente ama novas experiências!), mas não por isso ele é pouco prático – é pra ser usado na vida real. A gente trabalha no guarda-roupa pra que ele trabalhe pra gente.

Nosso conteúdo tá organizado aqui no e-book em três grandes partes:

- Na 1^a a gente conversa sobre os problemas mais comuns dos guarda-roupas das nossas clientes, sobre o que vicia o olhar e impede geral de enxergar os tesouros desses armários e sobre como se viabiliza um bom guarda-roupa (YAY!);
- Na 2^a a gente propõe pensar junto sobre o que é que faz (realmente) a diferença num guarda-roupa – e sugere pensar em eventuais compras futuras antes mesmo de sair às compras;
- E a 3^a parte prepara o terreno pra exercitar tudo isso com fluidez, fazendo a versatilidade acontecer na prática, com tempo separadinho pra isso, com ambiente organizado e peças bem conservadas.

Pra garantir que ninguém se sintá sozinha nessa empreitada, a gente resolveu compartilhar ao longo da leitura

alguns comentários deixados no nosso site e nas nossas redes sociais nos últimos anos – #tamojunto! E a única garantia de que não vamos mais funcionar no modo “pânico e terror” em relação aos nossos armários é o propósito de estar atenta.

Ao final de cada uma dessas três partes, vamos colocar a mão na massa: então esteja a postos, de frente pro seu guarda-roupa, com o e-book e também com um bloquinho de notas (de papel ou digital) à mão. Mas não só isso! É preciso se disponibilizar pra fazer os exercícios sem medo de experimentar e de fazer diferente do que se vinha fazendo – mesmo que de pouquinho em pouquinho. A gente dá todas as ferramentas, mas o resultado depende de quem faz acontecer.

Por último, nenhuma das ideias compartilhadas aqui deve ser entendida como regra nem pode oprimir ninguém – mas podem, sim, incentivar questionamentos: esse é um convite a olhar pra dentro do seu armário com o mesmo carinho com que você pode olhar pra você mesma. Você merece. <3

PRIMEIRA PARTE

Grandes questões atrapalhadoras

Guarda-roupa superlotado

Não conseguiria viver só com o básico: sou exagerada por natureza...

C.V., SETEMBRO DE 2010

A gente sempre tem vontade de tudo,

C.V., SETEMBRO DE 2010

Como consultoras de estilo, a gente vê isso acontecer todos os dias no trabalho: quem tem coisa demais e não consegue usar tudo sente menos satisfação (no vestir) do que quem tem pouca coisa mas usa tudo, tudinho.

Pensa só: numa mala de viagem, a gente seleciona o suficiente pra sobreviver linda durante um período da vida. E geralmente a gente seleciona as coisas mais legais que tem (o que a gente mais AMA, né), o que tem mais qualidade e o que é mais valioso/tem sentido pra gente mesma, num conjunto de peças coordenáveis entre si, que faça a gente feliz em várias situações diferentes.

Se a gente pensasse no armário todo desse jeito – conciso, todo lindo, cheio de sentido, versátil –, a quantidade do que a

gente precisa seria menor, teria mais qualidade e seria mais usável... e de maneiras bem diferentes. Só dá pra usar tudo que se tem com quantidades humanas, razoáveis. Quantidades extraordinárias de roupa encaalhada não fazem ninguém se sentir feliz consigo mesma.

#ficaadica, tipo, pra vida.

Pra que ter alguma coisa que fica “mais ou menos”, ou que “é bonitinha, mas...”? Só pra ocupar espaço, atrapalhando a visualização do que de fato faz sentido ter? Ter menos peças, menos coisas, faz com que a gente priorize valores, economize tempo, simplifique a manutenção, permaneça exercitando foco e, de quebra, obriga a gente a crescer em criatividade.

Guarda-roupa que não serve pra vida que se tem (aqui e agora!)

Tenho muita roupa “de balada” que não uso nunca: não resisto a um paetê, mas usar que é bom... muitas estão até hoje com a etiqueta! :-)

C.L., ABRIL DE 2009

Uma das reclamações mais recorrentes ao longo da nossa carreira é esta: clientes e leitoras choramingam que têm guarda-roupas cheios de peças incríveis, mas vivem um martírio a cada manhã – elas ficam com a impressão de que

não têm nada pra vestir e acabam reescolhendo, todo dia, as mesmas cinco ou seis peças. E quanto mais compram, menos opções têm.

A gente tem diagnóstico certo pra isso: muita gente compra roupas pra vida que sonha ter (ou pra uma vida que já teve), e não pra vida que vive!

De que adianta a superexecutiva só comprar peças despojadas, com aquela cara de fim de semana? Ou aquela amiga que nunca sai de casa à noite ter um guarda-roupa lotado de peças festivas? Sem nem falar nas pessoas que têm roupas nas quais não se sentem confortáveis! Daqui de fora fica muito fácil enxergar que essas roupas não vão ter oportunidades reais de sair de casa.

Mais: vira e mexe a gente vive mudanças que invariavelmente impactam o jeito de vestir – um trabalho novo, uma cidade nova, uma idade nova... E aí, depois de tanto tempo confortável com aquelas mesmas roupas, é preciso rever vontades e demandas. E desapegar pra se reencontrar num guarda-roupa que reflita com consistência quaisquer fases novas de vida.

Um guarda-roupa que funcione de verdade precisa responder (na prática) a estas perguntas importantes, ó: qual é a vida que a gente leva? Qual o código de vestir do trabalho? Quais os programas do fim de semana? Quantas baladas a gente frequenta de verdade? A gente é mais do dia ou da noite?

Roupas incríveis não necessariamente ajudam a gente a descomplicar/simplificar o vestir do dia a dia. Ter uma identidade visual forte e consistente não significa usar uniforme todos os dias (isso seria uma prisão), mas também não significa ter as roupas mais fantásticas do mundo que não saem de dentro do armário.

Um bom guarda-roupa é aquele que tem um monte de coisas lindas, e também que combinem de verdade com o nosso estilo de vida: vale a pena ter à mão o que a gente precisa, quer e vai usar de verdade.

Guarda-roupa construído sem critério algum

Duro é manter por anos o que se ganha de presente, a troca que nunca foi feita, aquela camiseta-lembrança de férias...

A.K., SETEMBRO DE 2010

Tem várias peças no meu guarda-roupa que não “rimam” comigo, rs. Não as elimino do meu guarda-roupa com esperança de um dia conseguir usar – mas passo nervoso toda vez que penso que comprei por impulso e que gastei tanto em “nada”.

N.F., FEVEREIRO DE 2011

No trabalho de revitalização dos guarda-roupas das nossas clientes, a gente olha pras peças estagnadas, sem uso, procurando entender por que elas não tão sendo usadas – e

por que elas permanecem ocupando espaço naqueles armários.

Reconhecer uma “compra malfeita” não é gostoso: envolve assumir consumismo, se sentir refém de impulsos, sentir o gostinho ruim do desperdício de dinheiro. A gente prefere pensar que “não ter roupa pra vestir” tem a ver com falta de dinheiro – mas tem muita roupa velha sem uso nos nossos armários, ainda com etiqueta, depondo contra todas nós.

Mil vezes a gente faz compras porque tá carente, porque “deu tempo”, porque precisava (pra uma festa ou ocasião especial), porque a amiga também fez, porque “tava barato e era uma oportunidade”. Compras desse tipo quase sempre viram arrependimento, frustração e culpa assim que a gente volta pra casa – e uma atitude recorrente é a de deixar as peças apodrecendo no armário, fingindo que um dia vai rolar um resgate. Isso é justamente o que a gente quer que não aconteça! Peça parada atravanca o guarda-roupa, toma espaço do que pode ser útil e impede a gente de visualizar o que pode ser usado de verdade.

Muuuitas peças (só) com valor afetivo

E quando a gente compra uma roupa nova, mas não quer se desfazer da peça velhinha, velhinha? Pode guardar só de lembrança?

J.J., DEZEMBRO DE 2009

Impossível ver determinada roupa e não lembrar de alguma coisa vivida ali dentro... elas se tornam também parte das nossas lembranças!

M.D.M., NOVEMBRO DE 2014

Todo guarda-roupa tem essas peças que são gostosas só de a gente olhar, sem precisar usar com frequência ou vestir algum dia de novo: vestido de noiva, casaco herdado da avó, camisalembrança do avô, blusa usada no primeiro encontro com o marido... sabe como?

Desapego e “acervo pessoal” não precisam ser contraditórios. Pode ser muito saudável – como um exercício de atenção ao presente – abandonar essas ideias de que a moda é cíclica, de que tal peça dos oitenta pode voltar a ser moda, de que o que nossas mães usaram a gente eventualmente pode querer usar também.

Com o tempo, a indústria evolui (e a gente também muda!). É um pouco improvável que, depois de alguns anos, uma determinada peça “retorne” exatamente igual – e encontre a gente com o mesmo corpo, a mesma vida, o mesmo imaginário estético, as mesmas vontades.

Vale avaliar o que traz alegria e o que é só memória → memória a gente já tem registrada na mente; num espaço limitado, a gente precisa dar prioridade ao que ajuda, ao que é manipulado com frequência, ao que tem utilidade real. Selecionadas as peças não usáveis que valem permanecer no

armário (pra render alegria, lembra?), pode ser uma boa ideia providenciar armazenamento carinhoso pra elas: caixas lindas com furinhos que permitam ventilação? Cabides especiais que acomodem bem ombros, costuras, bordados? Capas em TNT que deixem o ar entrar e sair e previnam mofo?

E tudo bem manter um cantinho afetivo pra guardar essas peças carregadas de valor sentimental – desde que esse cantinho não ocupe tanto espaço que obstrua o caminho, que inviabilize visualização, que acomode sem conforto o que a gente tem de mais funcional, usável de verdade.

Guarda-roupa cheio de peças que não servem mais

Sempre vario dois ou três quilinhos pra cima ou pra baixo, daí aquela calça legal de sair ou de usar pro trabalho já não cai tããõ bem... e dá vontade de ter umas “coringas” – o que vai “inchando” o armário.

D.E., MAIO DE 2015

No trabalho como consultoras de estilo a gente aprende, ano após ano, que é fantasiosa essa coisa de os nossos corpos permanecerem por anos e anos com as mesmíssimas formas. A gente faz o melhor que pode com os recursos que tem AGORA, pra ter um antes bacana e um depois muuuito mais bacana: mesma pessoa, mesma vida, mas aperfeiçoadas , melhores a cada nova experiência.

(E a gente aqui acha essa troca muito benéfica: as mudanças abrem um lindo espaço pra mentes saudáveis, sábias, aprendizados e comportamentos mais serenos com o passar do tempo. YAY!)

O próprio trabalho mostra pra gente como faz sentido se desprender de condicionamentos pra criar, a partir do momento presente, o futuro que se quer. Temos visto tanta gente brilhar assim, indo atrás do que quer sentir (ao escolher roupas) e fazendo acontecer, vivendo bem com imperfeições e baixando expectativas pro nível humano.

Não tem essa de “isso aqui não veste bem ainda, mas uma hora vai dar certo”. A VIDA TÁ ACONTECENDO e não tem rascunho pra depois passar a limpo. É agora e pronto: todo dia é especial, e a gente merece, não merece?

A gente pode escolher abrir mão do que gera ansiedade, do que reforça expectativas inalcançáveis, do que rende frustração. E assim ter somente O MELHOR que se pode usar, hoje e todos os dias. Roupa que caiba confortavelmente na gente, sem que se precise de grandes esforços pra caber na roupa, sabe como?

Poucas resoluções na vida podem ter impacto tão profundo quanto essa de aproveitar ao máximo o que se tem – e se mimar, se curtir, se aceitar e se permitir. <3

Um monte de peças de que a gente nem gosta tanto

O problema é que a gente experimenta, experimenta, experimenta e no fim continua se sentindo pelada.

R.S., MARÇO DE 2008

Imagina que revolução seria se a gente resolvesse só ter no armário o que realmente AMA? Se a gente se obrigasse a só comprar o que é muito, muito, muito legal – e usar muito tudo que tem, todos os dias da vida?

Experimenta ser sincera consigo mesma e, de frente pro guarda-roupa, vai avaliando o que você AMA COM TODO O SEU CORAÇÃO. A gente acha que, se você tivesse somente essas peças, ia ser mais fácil incrementar os seus looks, você se arrumaria em muito menos tempo e com mais gosto, sentiria seu dinheiro valendo mais e – muito provavelmente – ia ser mais fácil e fluido levar compras certas pra casa em qualquer futuro.